

Bom gosto e justa medida: ideais de feminilidade no discurso dos jornais da Araraquarense (1920-1940).

Raquel Discini de Campos (Unesp-Araraquara).

Eixo temático 4: Gênero e etnia na história da educação brasileira

O território paulista atravessado pelos trilhos ferroviários que saíam de Araraquara e chegavam a Mirassol e, posteriormente até Monte Aprazível, cidadezinhas recém-emancipadas de São José do Rio Preto na década de 1920, era conhecido como zona da *Araraquarense*. Tal designação se dava em função da ferrovia que levava o mesmo nome e que era o ponto de ligação entre todas essas localidades e as cidades e vilarejos próximos (MATOS, 1981).

Conforme a estrada de ferro ia avançando rumo ao sertão paulista, passava a ser conhecida como *Alta Araraquarense* e, a partir daí, a realidade para aqueles que chegavam a essa última região do Estado, ainda parcialmente inexplorada na primeira metade do século XX, era a das zonas pioneiras: um misto de florestas a ser derrubadas pelos plantadores de café e algodão e, também, pelos pecuaristas que foram todos, ao fim, exemplarmente designados por Pierre Monbeig (1984), como “plantadores de cidades”. Para além dessa região se descortinava um mundo a ser explorado rumo ao norte do Paraná e ao sul do Mato Grosso, num processo singular de transformação do espaço físico, ambiental, étnico e cultural.

Como era comum nesse período, os letrados da região tratavam de editar jornais, bem como revistas de circulação mensal ou bimestral: uma imprensa escrita que não somente noticiava fatos, mas também comentava eventos e expunha amenidades. Tal fenômeno, que não era particularidade desses chamados confins, caracterizava-se como manifestação cultural das aglomerações urbanas de pequeno, médio ou grande porte (CAMPOS, 2004). Os jornais da *Araraquarense* eram diversos e vinculados aos mais diferentes grupos. Existiam desde matutinos declaradamente ligados aos partidos políticos – como é o caso do Partido Republicano Paulista, do Partido Democrático e, na década de 1930, do Partido Constitucionalista – como diários ligados aos grupos que mais tinham representatividade na região, como o dos marianos, dos imigrantes espanhóis e árabes ou dos integralistas.

No entanto, privilegia-se neste artigo a análise dos textos veiculados pelos periódicos liberais *A Cidade*, de Catanduva, *A Folha de Rio Preto*, *A Notícia*, *Diário da Araraquarense* editados em São José do Rio Preto, e também *O Correio de Mirassol*, todos supostamente

“independentes” dos poderes públicos regionais e do interesse de partidos políticos específicos. Esses jornais tiveram maior circulação por toda zona pioneira nas décadas de 1920 e 1930 e também maior longevidade, sendo que alguns circulam até os dias de hoje. Além disso, colaboravam dia após dia para a construção, disseminação e circulação de uma série de representações acerca das figuras femininas e, dessa maneira, acabaram contribuindo decisivamente para a edificação de um determinado imaginário sobre a mulher.

Na verdade, trata-se da figura da “mulher” expressa no singular, porque as idealizações construídas via periódicos buscavam cristalizar a imagem feminina homogênea, compacta e transparente. Essa tentativa se traduzia numa série de escritos normalizadores sobre ideais de modo de presença da mulher, concretizados ora na moda, com seus pressupostos de refinamento estético, ora na instituição de parâmetros para a beleza, ou, ainda, na sistemática reiteração dos ideais relacionados à maternidade, ao casamento e às profissões adequadas ao “belo sexo”.

É interessante perceber que nos artigos escritos por autores de ambos os sexos sobre o comportamento feminino em geral permanecia uma invariância: o olhar dirigido para o outro, para agradá-lo, para conquistá-lo, para realizar-se segundo ele, não segundo a mulher ela mesma, no mundo: solitária e contraditória. Idéias certas sobre coisas, fatos e pessoas mantêm os estereótipos comportamentais. A moda daqueles tempos, por exemplo, buscava a mulher transparente e feliz, ou feliz porque transparente. *Chic*, estereotipadamente *chic*, mas jamais opaca, jamais não compreensível ou não compreendida: eis a imagem depreensível da parafernália da moda propagada nos jornais de então.

Enquanto as assíduas expectadoras dos filmes de Hollywood e leitoras dos jornais e revistas locais, nacionais e internacionais aprendiam truques para valorizar uma ou outra parte do corpo, e assim se apropriavam – ou mesmo legitimavam – de inéditas estratégias de sedução e beleza, também sofriam com as regras rígidas sobre o que vestir, como vestir, e por que vestir. As regras rígidas confirmavam a estabilidade, por sua vez meio de acolhimento de estereótipos.

Os escritos do costureiro que assinava sob o pseudônimo de Jean Jacques são exemplares desse fenômeno de inclusão – exclusão, tirania e democratização das regras do “bem vestir” ou, melhor dizendo, do “bom gosto”, que se generalizaram na região ao longo das décadas de 1920 e 1930. Seus textos são representativos de um tempo em que se decretava

em todos os jornais da *Araraquarense* que “jamais havia existido uma união mais estreita, mais compreendida do que a da Moda e da Mulher” (JACQUES, 1936).

Possivelmente Jean Jacques, intérprete privilegiado desse momento de consolidação e democratização da moda, sequer imaginasse a longevidade de sua assertiva.

Um philosopho disse um dia que tudo se transforma na natureza. E o mundo aplaudiu esta verdade. Mas foi a moda que, sem querer, confirmou a celebre affirmação philosophica. Ella transforma-se sempre, brusca ou lentamente, impondo-se em toda parte, impressionando com as suas formas novas, bellas, realçando os dotes da Natureza reunidas na mulher. Um dia no cérebro fecundo em criações, surge uma idea nova, um composto simples e harmonioso de linhas, de curvas, de tons e enfeites e, logo depois, ostentando um bello sorriso, surja (sic) a mulher nos “boulevards” barulhentos, assombrando, com a impressionadora belleza do conjuncto, todos que a admiram (...) (*Diário da Araraquarense*, 1936).

A prescrição do sorriso para a mulher que surge nos “boulevards” barulhentos reduplica o ideal da submissão e a obrigatoriedade do estado de doçura, aliado ao bom humor. Assim, responsável pelos escritos da coluna intitulada “Para você, senhora”, do jornal *Diário da Araraquarense*, este autodenominado “aliado das mulheres” falava sobre maquiagem, exercícios físicos, beleza e decoração, comentando e ditando as “novas tendências”.¹ É importante destacar que os argumentos de Jean Jacques partiam sempre do pressuposto de que a moda, se bem dosada e utilizada com bom senso, realçaria algo constitutivo das mulheres, uma espécie de graça natural no “allure”.²

Uma mulher “chic” jamais utilizaria artificialismos exagerados, coisa de quem não possuía “bom gosto”, pouco freqüentava o cinema, lia ou viajava. A norma implícita mais recorrente nesses textos é justamente aquela que evidencia não apenas a naturalidade da verdadeira beleza feminina, mas principalmente uma certa singeleza do conjunto formado pelas roupas apropriadas, o andar controlado, a maquiagem discreta ou o perfume inspirador.

¹ Ao que parece, a figura do costureiro Jean Jacques era única na região. Num tempo em que os assuntos relativos à moda, culinária e decoração faziam parte do universo estritamente feminino, o cronista que partilhava esses interesses com o “belo-sexo” era exceção. Dessa maneira, subvertia as representações de gênero masculino.

² As expressões em francês, freqüentemente utilizadas, pressupunham refinamento tanto do escritor como do público leitor. Apesar de vez ou outra serem citados exemplos de modelos de vestimenta inglesas, alemãs ou norte-americanas, a grande referência continuava sendo Paris. Não é a toa que o costureiro assinava Jean Jacques, e as costureiras que mais freqüentemente anunciavam os serviços de seus “ateliês” sejam “Madame Jacinta Brandi” e “Madame Cida”.

Tais comportamentos sociais, observados como práticas significantes e, portanto, passíveis de exame, confirmam a neutralidade ou a justa medida como movimento que preside o ser no mundo: nem excesso, nem falta, eis o ideal da beleza da mulher.

É claro que mesmo prometendo auxiliar todas as suas leitoras para que os artifícios da “coqueterie” se democratizassem, a minoria incorporava o modo de ser preconizado por Jean Jacques, já que não se tratava apenas de ter dinheiro para vestir um ou outro modelo, mas de possuir disponibilidade, educação, relações sociais adequadas e, principalmente, força de vontade para que a vida se transformasse num grande desfile de modas, em que as mulheres desempenhassem o papel de manequins graciosas e os homens, o de “assistência encantada”. Importa a justa medida na definição do conceito de elegância.

Dois modelos sugeridos pelo costureiro e destinados aos passeios vespertinos daquelas que podiam dar-se ao luxo de fazê-los dão o tom à “finesse” esperada das que queriam – e podiam - “despertar um halo de admiração” nos passantes citadinos, no ano de 1936.

Para as tardes de sol, um vestido de seda estampada de cores vivas, azul, branco, vermelho, ou xadrez miudinho. Gola com bandas cruzando, e botões cobertos de seda branca, ou azul, alegam a vista, dando encantador realce a silhueta luminosa da mulher. O emsemble, “vestido e manteau”, um jersey de riscas. Botões vermelhos. Corte simples, realçando a cintura (...) (*Diário da Araraquarense*, 1936).

A fazenda amarelo tostado, guarnecida de grandes botões em madreperola. O cinto em pellica branca, com grande fivella, também em madreperola. Com este vestido usa-se um pequeno casaco azul cahindo à direita. E, por ultimo, um elegante manteau de lã verde. Gola em pique, com recortes. Único adorno: - bordados de prata nas mangas e pontos na gola (*Diário da Araraquarense*, 1936).

Único adorno: nada de excessos. O valor positivo, escapando ao excesso e à insuficiência, ancora-se na justa medida, para essa visão de mundo que considera a moderação ou a situação média como o valor supremo. No mais, mesmo as mal vestidas, ou as excessivamente artificiais – é muito sutil a distância que separa uma mulher “chic” de uma demasiadamente arrumada e vulgar – poderiam ser educadas pelos conselhos de “quem entende” endereçados “às leitoras gentis”. O sucesso do encantamento propiciado pela exata combinação dos recursos disponíveis poderia ser, portanto, aparentemente alcançado por todas, desde que fossem seguidas as regras de “sua excelência Dona Moda” e as combinações para que sapatos e “maquillagens artísticas” fossem corretamente observadas.

Sobre o tema da sutileza que separava as mulheres elegantes das vulgares, Sylvio Floreal, dez anos antes de Jean Jacques já anunciava:

Qualquer moda feminina usada exageradamente, provoca o ridículo, gera o escândalo; e, toda ideia de elegância que se teve em mira realizar, resvala desastrosamente para o excesso, provocando escarneo (*O Município*, 1926).

No entanto, diferentemente de Jean Jacques, que mesmo pregando certa discrição no que diz respeito às roupas femininas tinha como ofício justamente o elogio e a construção de vaidades feminis, Sylvio Floreal, romancista famoso da cidade de Mirassol, criticava tanto as mulheres vítimas do império das modas daqueles tempos quanto à indústria da beleza que, sucessivamente, invertia os costumes arraigados das habitantes da região.

Se para Jean Jacques, o “aliado” das mulheres, a fugacidade e a alternância dos figurinos eram o que havia de melhor no *glamour* que se buscava construir naqueles tempos, para Floreal tanta alfaiataria, principalmente as inovações em relação aos decotes, resumia-se num terrível ataque à castidade, de homens e mulheres.

É o delírio do corte! A mulher moderna cortou as saias e os cabelos; somente não conseguiu cortar, até hoje, a sua longa vaidade...O corpo das mulheres com todas as suas curvas, é a infinita estrada suave das modas, assim como o seu espírito é o desfiladeiro sinuoso dos caprichos. O capricho é a única e plausível razão de ser do pseudo sexo-frágil. O capricho é o seu maior e único passa-tempo (...) (*O Município*, 1926).

“O capricho é o seu maior e único passa-tempo”: assim se firma a propensão a reduzir a imagem da mulher ao conhecido, ao indubitável: a noção da fragilidade do caráter feminino, aqui respaldada pela ideia de capricho. Se preconceito é ideia preconcebida, tem-se o preconceito em relação à figura feminina, mesmo em se tratando de discurso da moda. Por isso não há dúvida a respeito do corpo e do pensamento da mulher: ela é dada como transparente, pronta e acabada, sobre a qual não pairam contradições.

Nesse mesmo artigo de primeira página, escrito para *O Município*, de São José do Rio Preto, impossível não notar certa misoginia presente. A mulher moderna não encanta, assusta. O capricho, qualidade que segundo Floreal era biologicamente feminino, não seduz, sequer eleva aos outros, mas antes de tudo causa desprezo e piedade nos homens. As representantes deste sexo não são apenas frágeis, mas principalmente reféns de sua natureza equivocada.

(...) A moda é a novidade. E a mulher necessita da novidade, a fim de combater a rotina, porque ella é um ser que feliz ou infelizmente, envelhece muito depressa. Para as mulheres, a moda é uma tentativa reiterada de primavera que lhes traz a ilusão consoladora de que os seus corpos florescem eternamente. É uma illusão! Mas como todas as illusões ajudam à viver, ellas são razoavelmente felizes, embora velhas (...) (*O Municipio*, 1926).

A futilidade, o capricho, a vaidade e a tendência para a mentira, peculiaridades constitutivas do “belo sexo”, eram reforçadas mesmo nas opiniões que, muito diferentemente da de Floreal, buscavam elogiar o império das modas que se consolidava na região. Dessa maneira a comentarista Cinira Braga ficava muito à vontade para metamorfosear o espírito da moda ao caráter feminino: ambos instáveis, mentirosos e belos. Ambos possuidores de uma espécie de moral fugaz - e pouco confiável.

A maior invenção da mulher, depois da mentira, da mentira fina, ingênua, de salão, foi com certeza a moda. Nada mais lindo. Nada mais instável, também. Mas essa instabilidade é o seu encanto supremo, porque, sem aborrecer os olhos, representa bem a beleza que se move, que gira, que dança sem parar, para que seja vista cada vez com mais curiosidade, como um brilhante polyedrico, em todas as suas facetas. “La donna é móbile...” (*A Noticia*, 1934).

BIBLIOGRAFIA:

CAMPOS, Raquel Discini. **A “princesa do sertão” na modernidade republicana:**

urbanidade e educação na Rio Preto dos anos de 1920. São Paulo: Annablume, 2004.

MATOS, Odilon Nogueira. **Café e ferrovias – a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1981.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1984.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento na São Paulo dos anos de 1920.** São Paulo: Boitempo - Senac, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **Primeira página.** In: *Folha de São Paulo: Primeira Página.* São Paulo: Publifolha, 1985.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Cia das Letras, 1992.